

## GREGORY BATESON e INTERDISCIPLINARIDADE

*“Os experts são os homens do provisório”* (Georges Gusdorf)

*Sandro Luis Schlindwein*

Universidade Federal de Santa Catarina,  
Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas

Em julho último, o número 228 da revista *Ciência Hoje* trouxe como matéria de capa o tema “Interdisciplinaridade. A ciência busca um novo caminho”. No mesmo número, Mônica Cavalcanti Lepri publicou um artigo intitulado “*Semeando interdisciplinaridade. As ‘idéias-vivas’ de Gregory Bateson*”, em uma referência ao tema geral – “Semeando interdisciplinaridade” - da 58ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em Florianópolis (SC), de 16 a 21 de julho de 2006. O tema geral e o artigo se inscrevem, assim, em uma discussão mais geral e não recente de como superar as “patologias” do saber disciplinar, quase sempre e cada vez mais incapaz de lidar com os grandes problemas de nosso tempo. Para a autora, Bateson “teria aprovado a forma estética da convocação da reunião deste ano”, e muito provavelmente afirma isso porque Bateson se preocupava mais com a falta de conhecimento “sobre a cola que mantém juntos” os elementos do mundo real, do que sobre o que conhecemos sobre estes elementos. Assim, a autora nos remete, ainda que de maneira ligeira, ao pensamento e à obra de Bateson para refletir e discutir a necessária unidade entre os saberes, “para que a unidade e as interações do todo voltem a ser respeitadas como um princípio metodológico”, o que, de certa maneira, o tema geral da 58ª Reunião Anual da SBPC também pretendia aludir.

Não sou um especialista da obra de Gregory Bateson (1904-1980), cujos trabalhos abrangem muitos domínios diferentes do saber, da Antropologia à Cibernética, mas tampouco a desconheço completamente. Sua obra, com certeza, é relevante demais para ser ignorada, particularmente por todos(as) aqueles(as) que se interessam por epistemologias não-reducionistas, não-fragmentadoras. Na singularidade do seu pensamento, Gregory Bateson lançava mão de metáforas que, para ele, são “a lógica sobre a qual o mundo biológico tem sido construído, a cola mais característica e organizadora deste mundo de processos mentais”. De acordo com a sua filha Mary Catherine, a única chance que Bateson vislumbrava para se entender a unidade da natureza, era através de metáforas, um recurso que amiúde também adotava em suas conversas. Assim, quando Bateson diz que sua

epistemologia é “biológica”, ou quando um de seus famosos livros tem por título *Steps to an ecology of mind*, está usando metáforas, metáforas inspiradas no mundo biológico, metáforas ecológicas para falar da natureza das idéias. A propósito, o próprio artigo de Mônica C. Lepri é repleto de metáforas, a começar pelo título, onde uma metáfora biológica é adotada para apontar que as idéias de Bateson estariam “vivas”.

Para o lingüista George Lakoff (1941- ) e o filósofo Mark Johnson (19?- ), autores do famoso livro *Metaphors we live by*, vivemos em metáforas, e de acordo com estes autores a essência de uma metáfora é permitir que se entenda uma coisa em termos de outra. Assim, o tema geral da 58ª Reunião da SBPC adota uma metáfora para sugerir que a interdisciplinaridade poderia ser semeada. Se aceitarmos a idéia de que a essência de uma metáfora é permitir que se entenda uma coisa em termos de outra, que entendimento de interdisciplinaridade poderíamos alcançar usando esta metáfora agrícola? Ou então, o que se quer que seja entendido através dela? Permitiria ela entender, de maneira apropriada, o que está em jogo em se tratando de interdisciplinaridade?

A semeadura pressupõe a existência de sementes, e a SBPC, ao propor como tema geral para sua 58ª Reunião Anual que se “semeie interdisciplinaridade”, sugere necessariamente que a própria interdisciplinaridade seria “semente”. Mas então cabe indagar a respeito das origens destas sementes, de onde elas viriam. Seriam elas provenientes dos frutos das frondosas árvores disciplinares do conhecimento? Viriam elas de todas as árvores ou somente de algumas (coníferas, p.ex.)? Ou poderiam elas ainda ser oriundas de frutos que resultam do cruzamento entre árvores (disciplinares)? Neste caso, é bom lembrar que sementes híbridas podem ser inférteis... Por tudo isso, se para Mônica C. Lepri, Bateson teria aprovado a forma estética da última reunião anual da SBPC, permito-me o exercício da dúvida se o mesmo teria aprovado a metáfora que foi usada como tema geral.

Não obstante a indiscutível necessidade da adoção de epistemologias não-reducionistas e de abordagens interdisciplinares para se poder melhor lidar com situações percebidas como problemáticas, o próprio Bateson já lembrava que desde a Segunda Guerra Mundial virou ser chique e estar na moda se engajar em uma pesquisa interdisciplinar. Mas o entendimento que Bateson tinha de interdisciplinaridade seguramente ia além do seu sentido usual (da SBPC? da maioria das agências de fomento

da pesquisa no Brasil?), quase sempre reduzido à junção de duas ou mais disciplinas em uma determinada investigação. Para Bateson, em se tratando de interdisciplinaridade devemos pensar primeiro nas relações e considerar as coisas relacionadas somente através de suas relações. Para ele, “as relações devem ser pensadas como algo primário, e as coisas relacionadas como algo secundário”, ou seja, as relações devem ser pensadas antes das coisas. Interdisciplinaridade diria respeito, portanto, às relações e não às coisas relacionadas.

Mas com a metáfora da sementeira - e as sementes que necessariamente implica - o que se está assumindo que seria primário: as coisas relacionadas ou as relações? Ainda que a sementeira em si seja um processo, não é este que importa na metáfora em questão, mas sim o que está sendo semeado: as sementes de interdisciplinaridade. E semente é produto, coisa relacionada, e não relações. E por isso, se interdisciplinaridade se dá na relação, poderiam mesmo existir “sementes” de interdisciplinaridade? É conveniente repetir: interdisciplinaridade está nas relações e somente pode emergir através delas, como a que pode emergir através de conversas, o que Bateson fazia a seu tempo nas conferências Macy nos anos 1940 e 1950. Nesse sentido, a Reunião Anual da SBPC pode se constituir em um importante domínio relacional para que conversas interdisciplinares possam ser orquestradas. Por isso, interdisciplinaridade não é semente. Interdisciplinaridade, como possivelmente concordaria Bateson, é o que permite “colar”!

Vale lembrar ainda que se uma metáfora pode estruturar uma determinada atividade cotidiana - como a prática interdisciplinar, por exemplo - também pode ocultar aspectos desta mesma atividade. Assim, a metáfora “semeando interdisciplinaridade” implica necessariamente a existência de um semeador, de alguém que realiza a sementeira e, sobre este, a metáfora não diz absolutamente nada. Ou seja, na Reunião Anual da SBPC quem seriam os(as) semeadores(as) e sobre qual “solo” as sementes deveriam ser lançadas?

É, pois, como prática que a interdisciplinaridade precisa ser entendida, e como prática interdisciplinaridade só pode ser *cultivada* pela promoção das relações que tornam sua emergência possível, razão pela qual ao invés de “semear” interdisciplinaridade o que precisamos mesmo é aprender como “cultivá-la”!